

Macedo: a recessão é inevitável

"Difícilmente o Brasil deixará de ir ao FMI ou ao Banco Mundial durante as negociações com os credores. A situação atual da economia exigirá de alguma forma a participação dos dois na superação da crise externa." Foi o que afirmou ontem, o economista Roberto Macedo, diretor da Faculdade de Economia da USP e presidente da Ordem dos Economistas de São Paulo durante o debate promovido pela entidade sobre o "Plano Cruzado: avaliação e perspectivas após um ano de implementação".

Durante o debate que reuniu economistas de diversas correntes, o professor Roberto Macedo tocou também na questão da recessão, ponto sobre o qual não houve consenso. Se para o professor de economia internacional da Unicamp, Gflson Schwartz, a afirmação de que haverá recessão "é precipitada e até catastrófica", para Roberto Macedo a tendência recessiva é inevitável e já começou. "Os salários estão caindo muito em termos reais, o crescimento da poupança está provocando um retorno dos ativos reais para ativos financeiros e a única alternativa seria a compensação da queda dos investimentos privados com recur-

sos do FND (Fundo Nacional de Desenvolvimento)." Para Macedo, o reflexo imediato da situação será o aumento da taxa de desemprego e um crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) de apenas 3 a 4%.

SALÁRIOS CAEM 30%

Segundo o professor de Economia da USP, Joaquim Eloi Cirne de Toledo, da Sipe, as perspectivas da economia após o Cruzado daqui para frente "são péssimas". Ele afirmou que os salários já caíram 30% em



"Desemprego aumentará"

termos reais desde outubro do ano passado e o nível salarial voltou ao patamar de 1984. Esta perda decorre da aceleração dos índices de inflação e da correção dos salários pela média da variação dos preços; da defasagem entre o disparo do gatilho e os aumentos salariais (o disparo ocorre em janeiro, pela inflação de dezembro e o trabalhador só recebe o aumento em fevereiro); e pelo fato de o trabalhador ter de esperar pelo acúmulo de 20% de inflação para ter aumento.

O economista Manuel Francisco Pereira, vice-presidente para assuntos técnicos da Ordem dos Economistas, chegou ao debate de ontem com várias cópias de matérias de jornais do dia 25 de novembro do ano passado, que ele distribuiu como "recuerdos" do alerta que a classe dos economistas fez logo após a decretação do Cruzado II. Na época o pacote foi classificado como "um engodo eleitoral dos mais torpes" por Roberto Macedo. Manuel Francisco preferiu não fazer análises sobre o fracasso daquelas medidas, mas arrolou uma série de sugestões de ajustes que ele acha que precisam ser feitos para solucionar a crise atual.